

*Palavra - advocat do latim pela Igreja Catolica;
as caracteristicas desse latim e seus gôes emittors*

Senhores

Há uma instituição que vem transpondo os séculos, sempre a mesma, através de todas as vicissitudes, causando assombro aos próprios inimigos e indiferentes - a Igreja Católica.

Nesse momento de angústias supremas, em que as organizações políticas mais perfeitas se desmoronam, em que as civilizações mais adiantadas se subvertem, deixando após si um dilúvio de sangue, só a Igreja permanece inabalável, no meio dos escombros, como uma prove irretorquível de sua estrutura divina.

As sociedades puramente humanas estão sujeitas às influências do tempo e do meio, e a elas se acomodam, como um imperativo da própria existência.

Tal não se dá com a Igreja.

Fôsse ela obra exclusivamente do homem, e não teria resistido às terríveis perseguições, movidas pelos seus inimigos, que foram no passado, como são no presente, todos aqueles que andam divorciados das leis de Deus. Nem a prepotência dos Césares, nem a dialética dos heresiarcas, nem os sarcasmos dos pseudo-sábios, conseguiram abalá-la em seus alicerces. Tudo passou, todos passaram, não obstante ela continua, como um milagre perpétuo e renovado, a sua missão gloriosa de salvar as almas. Quem se lembra hoje de Galério, o régulo jactancioso, que afirmava haver feito desaparecer da terra o nome de Cristo? Quem se recorda de um Juliano Apóstata, aquele infeliz imperador, que usou de todos os estratagemas e armas para aniquilar a depositária da doutrina de Cristo? A quem lhe passa pela memória o nome de um Tertuliano, de um Ario ou de um Jansenius? Onde está Vitor Cousin, o insensato que deu à Igreja apenas dois séculos mais de existência, para depois, não passar ante ela, com essa reverência piedosa que

se deve aos mortos gloriosos. E Voltaire? E os enciclopedistas?

Todos passaram, todos desapareceram na poeira dos séculos; ela, entretanto, continua de pé, em sua majestade heróica, sobranceira aos homens e às idades. Que armas são essas, poderosas armas, que lhe deram a vitória em tantas réfregas memoráveis contra adversários poderosíssimos, dominados pela insânia do ódio? Essas armas são as que ela sempre usou e continua a usar - a oração. De que recursos extraordinários se tem ela valido para defender-se de seus atacantes? Os mesmos recursos de sempre - o seu imenso patrimônio de moralidade e santidade. Que fortalezas inexpugnáveis são as suas, que lhe não permitem ser atingida pelas ^{catapultas} ~~balas~~ adversárias? As mesmas de sempre - os frágeis muros de seus templos.

Existe muita gente que descrê do milagre. Haverá, por acaso, cérebro tão obscurecido que ouse negar êste milagre patente, que é existência multissecular da Igreja através de tantos obstáculos e tantas lutas? Combatem-na os inimigos, porque ignoram a sua história gloriosa; atacam-na os incrêus, porque lhe não conhecem as obras salutares; amesquinham-na os ímpios, porque lhe desconhecem a doutrina santa.

A história eclesiástica é um vasto caleidoscópio, onde, diante de nossos olhos estarrecidos, passam as mais brilhantes figuras da humanidade; cada uma de suas páginas está cheia de lances épicos, que obscurecem os feitos estrondosos dos grandes cabos de guerra. As obras que realiza, = salientam^{se} pelos seus objetivos beneficentes, de amparo aos enfermos de espírito, de consôlo aos que sofrem dôres físicas ou morais, em suma, de apôio a todos os que necessitam de proteção.

À sanha dos iconoclastas não tem escapado a própria língua que ela escolheu, para falar aos povos, essa admirável língua latina, que traz o batismo das catacumbas e a melodia dos cânticos dos mártires, ao serem imolados às feras, nos anfiteatros romanos.

Reivindicar para a Igreja a glória imortal de ter conservado e mesmo enriquecido em todo o seu esplendor, essa língua, que alguns latinistas, ignorantes de suas belezas, olham com desprezo, é o objetivo que nos propomos na presente palestra. A nossa tarefa, por conseguinte, se restringe a mostrar que esse formoso idioma nada perdeu de seu poder expressional primitivo, antes adquiriu ritmos novos e nova sonoridade, desde os Evangelhos até a Imitação de Cristo, isto é, pelo longo período de mais de uma dezena de séculos.

Em vão teriam as armas romanas conquistado quasi todo o orbe, fazendo de povos diversos uma única nação, no dizer de Rutilio Namaziano: Fecisti patriam diversis gentibus unam...; ou ainda, de balde obrigou Deus que o mundo curvasse a cerviz ao romano, na confissão de Prudêncio: Deus undique gentes inclinare caput docuit sub legibus iisdem..., se a Igreja Católica não consolidasse essas conquistas, com a água lustral do batismo, vinculando a todos os povos na mesma cadeia purificadora da sua benéfica doutrina.

O cristianismo longe de contribuir para a decadência do latim, exerceu uma ação tonificadora sobre ele que, depois dos áureos tempos de Cícero, Horácio e Vergílio, apresentava sintomas de degenerescência. O advento da nova religião insuflou força e vitalidade no organismo um tanto combalido do idioma, com a penetração de helenismos e hebraísmos de tódia sorte, que vieram ampliar o seu patrimônio léxico, como ainda propiciou a exploração de novos temas.

A renovação espiritual trouxe, como consequência lógica, a renovação dos motivos e, em vez da arte requintada dos escritores de raça, do filosofismo de Lucrécio Caro, do sensualismo de Horácio, do erotismo de Ovídio ou do Verbalismo de Cícero, surge uma arte, sem retórica, sem artificialismo, bárbara se quereis, mas bastante expressiva para levar às almas a convicção pela palavra ou pelos escritos dos semeadores do Evangelho.

Era a língua popular que voltava a adquirir o seu prestígio, irrompendo como uma catadupa pela mole de gelo, a que fôra

condenada pela estilização dos literatos. E, desde então, não houve mais força que pudesse contê-la, em suas expansões.

Um ou outro artista retardatário, que se trancava em sua torre de marfim, para falar, da janela do capitólio de sua arte, à massa que se agitava nas praças, encontrava os ouvidos da multidão surdos à sua voz, e êle, ou tinha de permanecer eternamente encerrado no seu sonho incompreendido, ou era obrigado a descalçar os coturnos, e sair à rua para conversar com a plebe, na linguagem que todos entendiam.

Passara a época dos malabarismos retóricos, em que o povo se comprimia nas praças ou no fóro, para ouvir o verbo antiloquente dos grandes mestres da oratória romana.

A verdade religiosa, de que o vulgacho andara sempre divorciado, cultivando uma crença que já não satisfazia às aspirações do coração, não precisava de atavios, nem de ouropéis, para se impôr à consideração de todos. A doutrina de Cristo dispensava qualquer ornamento, porque ela trazia consigo a força de uma lógica inquebrantável, capaz de convencer todos os cérebros.

Não houve, como não há ainda hoje, quem se não sentisse tocado pela clarividência da nova doutrina. "Dir-nos-ão, pergunta o ímpio Rousseau, que a história do Evangelho foi inventada a capricho? -Não; não é assim que se inventa. Seria mais inconcebível que muitos homens, de harmonia uns com os outros, houvessem fabricado este livro, do que é o haver um só fornecido o assunto dêle. Nunca autores judeus teriam falado neste tom. E o Evangelho tem caracteres de verdade tão grandes, tão surpreendentes, tão perfeitamente inimitáveis, que o seu inventor seria mais admirável que o herói." (Emile, tom.III).

É sôbre o Evangelho, a simples narrativa da vida e dos milagres de Cristo, onde o estilo se ajusta perfeitamente ao assunto, e sôbre as epístolas, em que apóstolos e discípulos exortam os fiéis à prática das virtudes, que se assenta o latim místico

ou da Igreja. Aquí a simplicidade e a desafetação são sinais evidentes de que a verdade era o único objetivo visado pelos seus autores, que só assim se podiam fazer compreendidos pelo povo, a quem se destinavam os seus ~~escritos~~ ^{eminamentos}. Entrasse neles a preocupação da arte, e a missão que receberam do Divino Mestre - docete omnes gentes -, quando se não arriscasse a um completo malôgro, porque era divina, pelo menos perderia ^{muito} ~~de~~ sua eficácia.

Essa linguagem sem atavios, mais destinada á inteligência que ás faculdades estéticas do homem, é que, com o tempo, se tornou diamante polido, veículo de uma literatura nova, cheia de belezas e de ritmos até então não ouvidos. Os lapidários que a aperfeiçoam, conhecem os segredos da língua clássica e, por isso, não só lhe conservam a índole nativa, como ainda lhe enriquecem e avolumam o vocabulário herdado. Querer que o latim se confine ao canon dos escritores clássicos, é o mesmo que condená-lo á estagnação e, mais que isto, a uma morte certa. Bem fez, portanto, a Igreja, adotando-o por língua própria, em dar-lhe a plasticidade necessária, para que êle se acomodasse aos tempos e ás idades, ao meio e ás ~~sociedades~~ ^{sociedades}.

Olhar com desprêzo a língua de S. Jerônimo, em comparação com a qual, no dizer de Hello, em seu livro L'Homme, as expressões de Tácito e Juvenal "não passam de balbucios"; encarar com desdém a obra de um ^{João} S. Crisóstomo; franzir o sobrôlho às produções de um S. Ambrósio ou de um S. Agostinho; ~~olhar com desprêzo~~ ^{olhar com desprêzo} o trabalho de um S. Tomás, de um S. Boaventura ou S. Bernardo, é dar de sí uma demonstração de supina ignorância, porque essa plêiade brilhante de escritores manejou o sermo latinus com a mesma maestria, levando em consideração a época, ^{de} dos grandes escritores do período áureo.

Ponhamos uma écloga de Vergílio, a 1ª por exemplo, em que dialogam Melibeu e Títiro, em face do Stabat Mater, atribuido durante muito tempo falsamente ao papa Inocência III, mas cuja autoria cabe, de feito, ao poeta ascético italiano Jacopone di Todi,

do século XIII. Se de ambas nos encanta o sentimento poético e a beleza decorrente da simplicidade do estilo, o trabalho do vate cristão se sobreleva muito ao do seu competidor, pela magnitude do assunto. Quem de são juízo poderá equiparar um mero devaneio pastoril com o drama magno da cristandade, de que Nossa Senhora é testemunha?

Percorramos todas as tragédias romanas, os passos emocionantes dos épicos latinos, as narrativas veementes dos seus historiôgrafos, onde acharemos alguma coisa que equivalha ao Dies irae de Tomás de Celano? Que pensamentos negros, mas ao mesmo tempo salutaros, não nos evocam essas estrofes admiráveis, que a Igreja recita na sequência da missa dos Defuntos?

Dies irae, dies illa,
Solvēt saeculum in favilla:
Teste David cum Sibylla.

"O dia de cólera, êsse famoso dia, reduzirá o mundo a cinzas, segundo o testemunho de Davi com Sibila."

Quantus tremor est futurus,
Quando Judex est venturus,
Cuncta stricte discussurus.

"Quão grande será o terror, no momento em que o juiz vier, para examinar tudo, com minúcia!"

À proporção que o sacerdote vai pronunciando essas estâncias admiráveis, no sacrifício dedicado aos defuntos, sentimos um como calefrio percorrer-nos o corpo, numa antevisão das cenas dantescas do que há de acontecer naquele dia fatal para muitos, mas cheio de esperanças e promessas, para os que viveram e morreram na paz do Senhor.

Em toda a literatura pagã, poucas joias trabalhadas haverá como êsse belíssimo Pange lingua do Doutor Angélico, de que o Tantum ergo, cantado na bênção do SS. Sacramento, é um formoso trecho:

Pange, lingua, gloriosi
Corporis mysterium
Sanguinisque pretiosi,
Quem in mundi pretium,
Fructus ventris generosi,

"Ó minha língua, exalta o mistério do glorioso corpo e sangue inestimável que, para resgate do mundo, derramou o Rei das Nações, aquele que nasceu de um ventre generoso."

Mas onde a lira de S. Tomás adquire sonoridades extraordinárias é no Lauda, Sion, a que Remy de Gourmont, numa feliz expressão, chamou "resumo maravilhoso de toda a poesia, de todo o dogma, de todo o simbolismo eucarístico":

Lauda, Sion, Salvatorem,
Lauda duces et pastorem
In hymnis et canticis.
Quantum potes, tantum aude,
quia major omni laude
Nec laudare sufficis.

"Sião, louva o teu Salvador, louva o teu Chefe e teu Pastor, em hinos e cânticos. Faze, para a sua glória, tudo o que poderes, porque Ele é superior a todos os louvores e, por muito que o louves, nunca o louvarás bastante."

Se os versos nos encantam pela variedade do metro e pelo magnífico efeito de suas combinações, não menos nos deixam encantados as imagens cheias de unção e de doçura. Sião, a quem suplica o poeta que exalte o Senhor, representa aí a Igreja ou assembléia de fiéis.

E o Sacris Solemnis, o Panis Angelicus, o Verbum Supernum, cujas duas últimas estrôfes formam o Salutaris?

Há poetas que se celebrizaram por uma ou duas composições apenas. Quem conhece de Maciel Monteiro outro trabalho, além do formoso soneto Formosa qual pincelo em tela fina? No entanto, este grangeou-lhe merecida fama. Quem, no conhecimento das composições líricas de Julio Salusse, vai além do seu afamado Cisne? Poucos saberão que B. Lopes deixou produções iguais ou superiores ao Berço e ao Cromo. Pedro Luís não é só autor do Terribilis dea, mas de muitos outros primores literários. Ainda entre os vates da

vanguarda, como Luís Guimarães Junior, Raimundo Correia, etc., não foram muitas as composições que os imortalizaram na memória popular.

É que se não fazem jóias de fino lavor a todo momento. Elas não são o produto da vontade decidida, nem do esforço continuado, mas surgem, por encanto, num momento de felicidade do artista, que é o primeiro, quasi sempre, a surpreender-se da espontaneidade com que lhe brotou a idéia e, ao mesmo tempo, com que encontrou para ela a expressão adequada.

S. Tomás de Aquino, entretanto, como se não lhe bastasse a glória de ser um grande filósofo, diríamos mesmo o maior filósofo da Idade Media, e um dos mais distintos teólogos da Igreja, é ainda um artista do verso, artista não de uma simples composição, mas de um rol de bellissimas composições, artista cujos hinos sacros levaram ao arcebispo de Messina, D. João de Colona, a afirmar: "Nada de mais piedoso se diz ou se canta na Igreja de Deus."

~~Num rápido~~ esforço, impossível é focalizar todos os vultos notáveis da religião, que contribuíram para dar ao latim eclesiástico o esplendor e a beleza que só lhe negateiam, repito, os ignorantes.

Quem quer que conheça a história dessa instituição milénar, que enche de assombro a todos, se convencerá logo ^{de} que só de leve toquei, no assunto, não por o julgar indigno de mais amplo desenvolvimento, mas para vos poupar a cansação natural que nos assalta sempre, quando ouvimos pessoas que não sabem dizer as coisas, com o brilho que elas merecem.

Quando assisto à celebração dos officios Divinos e sigo, pari passu, ao desdobramento das cerimônias, chego a lastimar que não pensem todos os fiéis admirar, na própria língua official da Igreja, a beleza das composições que constituem a liturgia católica. A tradução, se por um lado, dá o sentido exato do texto, nos ministra, por outro, apenas uma imagem descolorida da arte admirável que presidiu à elaboração d'êles.

Não quero encerrar esta palestra, sem pedir o fecho de ouro a um grande literato francês, autor de um notável trabalho sobre o latim místico: "O latim foi, durante um longo tempo, depois que o julgaram morto, uma planta sempre vigorosa, cujas raízes se estendiam por toda a parte, e se os seus ramos perderam pouco a pouco algo da sua altitude, alguns ainda foram assaz belos para atrair a atenção dos homens."